

# a terra é redonda

## Substituição da luta de classes pela guerra cultural



Por FERNANDO NOGUEIRA DA COSTA\*

*Com a economia sob controle tecnocrático, a extrema-direita mobiliza ressentimento identitário e moralismo religioso para hegemonizar o debate público*

### 1.

Há uma tendência estrutural decisiva nas democracias ocidentais no século XXI: a substituição da centralidade da disputa socioeconômica, expressa na antiga “luta de classes”, pela guerra cultural, liderada por forças de extrema-direita nacional-populista. Elas mobilizam valores conservadores, ressentimento identitário e religiosidade evangélica como forma de organizar o eleitorado ainda dentro do reducionismo binário do “nós contra eles”.

Essa mudança não é acidental, mas responde a mutações profundas do capitalismo, da estrutura de classes e da crise de representação política. Nas democracias liberais maduras, as políticas econômicas foram progressivamente delegadas a tecnocracias (bancos centrais independentes, regras fiscais, tratados de comércio), reduzindo o espaço de escolha popular.

O espectro político foi reduzido à alternância entre variantes do mesmo neoliberalismo, com partidos social-democratas aceitando o tripé: austeridade, livre mercado e rentismo financeiro. Resultado: a política e a economia perderam sua capacidade de mobilizar afetos e antagonismos, abrindo espaço para outras pautas simbólicas mais polarizantes.

Com os acessos à rede social, houve a ascensão da guerra cultural e identitária como eixo de mobilização. Na pauta da extrema direita, sobressai a defesa da “família tradicional”, combate ao aborto, ao feminismo, à educação sexual.

Adotou um nacionalismo econômico seletivo, fazendo ataque a imigrantes, ONGs e elites globais. Busca a mobilização religiosa contra as “agendas identitárias” como símbolos de decadência moral ou ameaça à soberania.

Seu público-alvo é constituído por ex-operários e classes médias ressentidas com a globalização, desindustrialização e multiculturalismo. Somam-se aos populares com trabalhos precarizados, religiosamente conservadores, seduzidos pela retórica de ordem e moral. Tornam-se **evangélicos e protestantes**, cuja ética de disciplina, sacrifício e literalismo bíblico se alinha à retórica do “resgate moral da nação”.

Essa instrumentalização religiosa e moral da política reúne grupos religiosos fundamentalistas como blocos de poder político e eleitoral, influenciando legislação, educação e mídia. Políticos oportunistas (Donald Trump, Jair Bolsonaro, Viktor Orbán, Giorgia Meloni, Javier Milei, etc.) capturam esse imaginário para construir *coalizões autoritárias* sob o disfarce da “liberdade de expressão” ou da “soberania popular”.

# a terra é redonda

## 2.

As consequências sistêmicas são observadas em diferentes esferas, cada qual com uma transformação observada. A economia foi reduzida à gestão tecnocrática ou populismo fiscal episódico. Na cultura política, passou a predominar a polarização simbólica em torno de valores morais, étnicos, religiosos.

Na representação política, partidos tradicionais entraram em colapso, com a emergência de *outsiders* carismáticos. São desqualificados intelectualmente para a atuação democrática e representativa de toda a nação.

Os direitos civis sofreram retrocessos em nome da moral, segurança ou soberania nacional. A própria classe trabalhadora fica dividida entre demandas materiais (salário, emprego) e valores morais.

A reforma neoliberal desorganizou a classe trabalhadora, esvaziou a política de conteúdos redistributivos e deixou um vácuo simbólico preenchido pela extrema-direita com religiosidade e medo. A esquerda, em muitos casos, concentrou-se em pautas identitárias legítimas, mas perdeu conexão com o conflito de classes material, facilitando a hegemonia cultural conservadora entre as massas.

Abaixo apresento um quadro comparativo didático entre as formas de mobilização política predominantes no século XX (industrial/fordista) e no século XXI (pós-industrial/neoliberal). Destaca a substituição progressiva da centralidade da *pauta econômica* pela *guerra cultural e moral* como eixo de disputa eleitoral e ideológica.

Dimensão	Século XX (Industrial / Fordista)	Século XXI (Neoliberal / Pós-industrial)
<b>Eixo principal de disputa política</b>	Conflito de classe e redistribuição econômica	Conflito moral-cultural e identidade
<b>Protagonistas sociais</b>	Classe trabalhadora industrial vs. burguesia capitalista	Grupos identitários, religiosos, midiáticos, classes médias desindustrializadas
<b>Demandas centrais</b>	Salário, emprego, bem-estar, previdência, reforma agrária	Costumes, segurança, imigração, moral sexual, “liberdade de expressão”
<b>Forma de organização política</b>	Partidos de massa, sindicatos, movimentos operários	<i>Influencers</i> , igrejas, algoritmos, microcelebridades, redes sociais

# a terra é redonda

Dimensão	Século XX (Industrial / Fordista)	Século XXI (Neoliberal / Pós-industrial)
<b>Mobilização afetiva</b>	Solidariedade de classe, internacionalismo, ideologia material	Medo, ressentimento, moralismo, nacionalismo, nostalgia
<b>Instrumentos ideológicos dominantes</b>	Programas econômicos e projetos de Estado	Narrativas de identidade, religião, patriotismo e “anti-sistema”
<b>Papel das religiões</b>	Secularização crescente, papel periférico	Centralidade de igrejas evangélicas, moralismo teológico-político
<b>Modelo de comunicação política</b>	Jornais, comícios, sindicatos, televisão estatal	Redes sociais, WhatsApp, <i>microtargeting</i> , desinformação viral
<b>Exemplos históricos</b>	<i>New Deal</i> , Estado Social europeu, revoluções socialistas	Trumpismo, bolsonarismo, orbanismo, identitarismo de direita

Essa transição expressa o esvaziamento do horizonte utópico da esquerda. Ela parece ter perdido a capacidade de formular projetos de futuro coletivos. O controle tecnocrático da economia despolitizou temas como orçamento, dívida e regulação. O uso do medo e da moral como substitutos da justiça social criou lealdades emocionais não baseadas em interesses materiais como outrora.

\*Fernando Nogueira da Costa é professor titular do Instituto de Economia da Unicamp. Autor, entre outros livros, de Brasil dos bancos (EDUSP). [<https://amzn.to/4dvKtBb>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)